

## **LEI MUNICIPAL Nº 3.588, DE 06 DE OUTUBRO DE 2021.**

**Denomina de Rua Alcide Antônio Stuani, uma via pública localizada no Bairro São Cristóvão, no município de Flores da Cunha.**

### **PREFEITO MUNICIPAL DE FLORES DA CUNHA.**

Faço saber, em cumprimento ao disposto no inciso IV, do art. 63, da Lei Orgânica Municipal, que a Câmara Municipal aprovou e eu sanciono e promulgo a seguinte Lei:

**Art. 1º** Denomina de Rua Alcide Antônio Stuani a via pública localizada no Bairro São Cristóvão, no município de Flores da Cunha, com as seguintes medidas e confrontações: tomando-se como ponto de partida a intersecção da Rua Francisco Ascari com a quadra urbana nº 683, segue sentido leste, divisa norte, por 88,41m (oitenta e oito metros e quarenta e um centímetros) com a quadra urbana nº 683; segue sentido sul, divisa leste, por 8,39m (oito metros e trinta e nove centímetros) com terras urbanas; segue sentido oeste, divisa sul por 84,50m (oitenta e quatro metros e cinquenta centímetros) com a quadra urbana nº 681; segue sentido noroeste, divisa sudoeste, por 9,24m (nove metros e vinte e quatro centímetros) com a Rua Francisco Ascari, até chegar ao ponto inicial, conforme mapa anexo, que faz parte integrante desta Lei.

**Art. 2º** Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

**Gabinete do Prefeito Municipal de Flores da Cunha**, aos seis dias do mês de outubro do ano de dois mil e vinte e um.

**CÉSAR ULIAN**  
**Prefeito Municipal**

Registrado e Publicado  
Em 06/10/2021

---

*César Konz*

## ALCIDE ANTÔNIO STUANI



*Empreendedor nato, criativo e resiliente.*

Alcide Antônio Stuani nasceu no dia 30 de outubro de 1925, no Travessão Felisberto da Silva – Linha 80, Flores da Cunha, Rio Grande do Sul. Descendente do imigrante Italiano Remigio Stuani e Zelinda Malacarne. Filho dos agricultores Octaviano Stuani e Giulia Viapiana, e irmão de cinco homens e uma mulher. Casou jovem com Zélia Ascari, que morava no Travessão Garibaldi - São Cristóvão e tiveram 8 filhos: 5 mulheres e 2 homens e um nati morto (gêmea de uma das mulheres). Seus nomes são Fani, Ivanir, Maria de Lurdes, Marisete, Silvete, Janir e Eliete.

A criatividade e resiliência do Alcide fez com que ousasse construir sua própria casa à beira do rio, em frente à Igreja de Santo Antônio na Linha 80. A casa permanece até os dias de hoje. Alcides viu como oportunidade de represar a água e fazê-la passar por um canal que movia um moinho para geração de energia elétrica. Em cima do moinho montou uma empresa que chamavam de “empalhação”, com maquinários para descascar vimes e também fazer as palhas para empalhar garrações. Toda produção era vendida para as cantinas de vinho dos arredores do município. Na época gerava emprego e renda aos jovens (porque não dizer adolescentes) que em horário oposto da escola auxiliavam nos serviços e eram pagos por dia trabalhado.

Alcide, o engenheiro que estudou até o 2º livro, construiu um moinho com o canal de água do rio da Linha 80: a experiência de ter energia elétrica com lâmpadas em casa. Alguns detalhes pitorescos: conforme a quantidade de água que entrava no moinho se tinha a qualidade da luz. Era um vai e vem de luz forte e luz fraca que dificultava fazer as atividades noturnas da escola. Em época de seca com o rio baixo e o canal sem água, entrava em cena o lampião de querosene e raramente usava-se velas.

Ao perceber a baixa procura por artefatos de vime, pois as famílias começaram a fazer suas próprias cestas de vime, Alcide percebeu que era hora de mudar de ramo de atividade. Iniciou com serviços de ferraria. Montou uma oficina mecânica de funilaria, para forjar ferro e estanho confeccionando enxadas, pás, picaretas, machados etc. e inovou na confecção do arco de ferro nas rodas da carroça, que viu pela primeira vez numa das viagens a Caxias do Sul. Alcide queria sempre oferecer aos clientes a praticidade de poder comprar no comércio mais perto. Sempre positivo via as oportunidades, e dizia: “Façam um bom trabalho que a recompensa vem quando se negocia com lealdade, com preço justo e correto. Todo produto pode ser vendido, desde que se tenha qualidade.”

Anos mais tarde, sempre atento às necessidades dos clientes, percebeu que poderia transformar sua casa num armazém de secos e molhados, que ficou conhecido como “Armazém do Cide e/ou da Zélia”. Clientes fiéis com suas cadernetas compravam fiado e pagavam mensalmente e alguns nunca pagaram. Foram tempos muito prósperos.

Passados alguns anos, e cansado de ver o comércio em decadência por motivos de recessão, retornou à atividade de agricultor, adquiriu terras e plantou parreiras, milho, feijão, batatas, tomates etc. Vendia o excedente ao comércio de armazéns na cidade de Flores da Cunha para comprar açúcar, farinhas, café etc. Estes foram anos de muitos desafios, preço da uva em baixa, além de não saber quando recebiam os valores da safra que era entregue nas cantinas. Alcide, sua esposa e os filhos mais velhos plantavam para o próprio sustento.

Alguns anos se passaram, a filha mais velha casou e Alcide perdeu o braço direito da mão de obra. Se viu diante da necessidade de fazer uma mudança radical. Vendeu todas as terras na Linha 80 e comprou uma parte das terras da família Ascari em São Cristóvão. Ali ele viu uma nova oportunidade de empreendedor. Construiu uma casa grande, com cantina para fazer o próprio vinho, moradia e também espaço para montar um supermercado. Antevendo a oportunidade na construção da nova estrada para Caxias do Sul e a construção da empresa da Fábrica de Móveis Florense.

Naquela época, o Supermercado Stuari atendia a comunidade de São Cristóvão, bem como os clientes dos bairros que foram criados ao redor da Móveis Florense. Oferecia compras a crédito (com caderneta) que eram pagas uma vez por mês quando recebiam pagamento do salário da empresa. Claro que muitos não cumpriam com o pagamento. Era motivo de tristeza e preocupação, mas ele não se dava por vencido, seguia em frente. Era difícil, mas seguia em frente. Stuari dizia que era algo que fazia parte do negócio e que isso servia de lição para que seus filhos não tivessem este tipo de comportamento. Não deixar dívidas, ter sempre crédito. Tinha fé, rezava todos os dias a São Antonio, seu protetor.

Finalmente, viu a grande oportunidade de oferecer à sua família uma qualidade de vida melhor, pagando estudos aos filhos, fez doação em vida para cada filho ter o seu próprio terreno e auxiliou na construção das casas aos filhos mais velhos. Também ajudou financeiramente na construção do campo de Futebol Sete do E. C. São Cristóvão, time pelo qual era torcedor ferrenho. Era sócio benfeitor, mas também gostava de jogar bochas e conquistou vários campeonatos municipais. Além disso, ajudou

economicamente, a comunidade de São Cristóvão na parte social e religiosa. Junto com a esposa e filhos foram festeiros nas festas do padroeiro São Cristóvão e de Santo Antônio - santo de sua devoção.

Devido a doenças do estomago, Alcide convalesceu cerca de 3 anos entre tratamentos, médicos e cirurgias. Veio a falecer no dia 17 de fevereiro de 1998, com 72 anos de idade. Foi enterrado no cemitério público municipal de Flores da Cunha. Alcide deixou aos filhos, genros, noras e netos o legado do trabalho digno, da coragem, da virtude, da persistência e na crença do Ser Superior.